



Augusto Rosa na peça «Estatuas», de Lopes de Mendonça

(Cliché Bobone)

N.º 217 Lisboa, 18 de Abril de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4800 réis — Semestre 28400 réis
Trimestre, 18200 réis

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SEculo

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redação, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão **R. Formosa, 43**

Os Agentes em Portugal
REEMBOLSAM o DINHEIRO
 a quem não tiver tirado resultado

na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
 empregando o
XAROPE FAMEL

PARIS
 80, Rue de la Reunion
 PREÇO: 800 REIS
 Franco de portes em todos os portos para o Freamo.

DEPOSITO GERAL

15. RUA DOS SAPATEIROS
 LISBOA



Vestidos bordados

COM VERDADEIRO BORDADO SUISSO
VESTIDOS BORDADOS em Batiste, Toile, Shantung, Pongée, Tulle, Chiffon, Crêpe de Chine, desde fr. 17,50.
Blusas bordadas em Batiste, Toile, LA, Cachemire, Tulle, Japonais, Louisine, Crêpe de Chine, desde fr. 9,50,
 franco de porte no domicilio.
 Peçam as amostras e os figurinos

Schweizer & C.º, Lucerne A 22 (Suissa)
 EXPORTAÇÃO DE BORDADOS E SEDAS



Os Cinco Últimos Perfumes

Rêve d'Ossian
 Convoitise
 Jardins d'Armide
 Eillet Louis XV
 Age d'Or

PERFUMARIA ORIZA
 L. LEGRAND
 11, Place de la Madeleine
 PARIS
 14-15, Conduit Street, LONDON

NOUVEAU PARFUM
PRINCIA VIOLET
 29, B^{is} des Italiens, PARIS

Coke inglês

PARA COSINHA

O mais economico

R. Conceição, 17, 2.º

LISBOA

Telephone 1738

COMPREM AS
Sedas Suissas

Peçam as amostras das
 nossas Sedas Novas de
 primavera e de verão para
 vestidos e blusas:

Diagonal, Crêpon, Surah,
 Moire, Crêpe de Chine, Fou-
 lards, Mousseline 130 cm. de lar-
 gura a partir de fr. 4,50 o metro, em
 preto, branco e cor assim como as
 blusas e os vestidos borda-
 dos em chifone, la, toiles e seda.
 Vendemos as nossas sedas garan-
 tidas solidas, directamente aos
 particulares e francas de
 porte a domicilio.

Schweizer & C.º
Lucerne E 11 (Suissa)
 Exportação de sedas Fornecedores da Corte Real

23 a 173 Frs. por semana, a
 homens, senhoras
 e jovens. Muito honroso, facil, não
 necessitando nenhuns conhecimentos
 especiaes. Venda assegurada.

A. H. HORTON
 56, RUE CARVÉS
 Grand Montrouge (SEINE) FRANCE

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Sede em Lisboa. Proprietaria das
 fabricas do Prado, Marianala e Sobrerinho
 (Thomaz), Penedo e Casal d'Hermio (Louça),
 Valle-Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para
 uma produção annual de seis milhões de kilos
 de papel e dispoño dos machinismos mais
 aperfeiçoados para a sua industria. Tem em
 deposito grande variedade de papeis de escri-
 ta, de impressão e de embrulho Toma e ex-
 ecuta promptamente encommendas para fabrica-

ções especiaes de qualquer qualidade de papel
 de machina continua ou redonda e de fôrma.
 Fornece papel aos mais importantes jornais e
 publicações periodicas do paiz e é fornecedora
 exclusiva das mais importantes companhias e
 empresas nacionaes. *Escritorios e depositos:*
 270, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—19, RUA
 DE PASSOS MANUEL, 31, PORTO.—End. telegr.
 em Lisboa e Porto: *Companhia Prado*. Numero
 telephonico: LISBOA, 603 — PORTO, 417.

UMA VIDA DE ENERGIA E DE CORAGEM.



Ao entrar no Tejo, pelos fins de 1884, vinda do estaleiro de Inglaterra, a corveta *Afonso de Albuquerque*, que realisava para o tempo da sua con-

strucção um perfeito typo de navio moderno, trazia a bordo, em primeira viagem, o grupo de guarda-marinhas que contava João de Azevedo Coutinho. Começava a sua carreira de official de marinha na visita aos grandes estaleiros constructores e temperando pela primeira vez na frigidéz da vida ingleza a fogueira do seu caracter de portuguez antigo.

Mezes depois, a bordo da *Vouga*, o grupo de guarda-marinhas seguia pelo Mediterraneo fóra a caminho dos mares de Moçambique.

Poucas semanas tinham decorrido depois da chegada a essa colonia quando o primeiro louvor da sua carreira, assignado por Augusto de Castilho, governador geral, celebrava a guarnição da *Vouga* pelos acontecimentos da Matibana. Dias depois, de entre todos os jovens officiaes que enchiam os navios da divisão naval, João de Azevedo Coutinho era escolhido para commandar o pequeno hiate de vela *Tungue*, que cruzava na costa do districto de Moçambique. Activo, desejo de se

aplicar, emprehendeu n'esse commando uma serie de levantamentos hydrographicos no Infusse, no Muite, no Moginguale, levantamentos que a nossa commissão de cartographia e o almirantado inglez mandaram publicar.

E que esses trabalhos não eram feitos na tranquillidade de um commodo gabinete de geodesia, dil-o o louvor que os recompensou e em que João Coutinho é elogiado pelos serviços hydrographicos prestados e em reconhecimento da intelligencia e coragem de que dera prova.

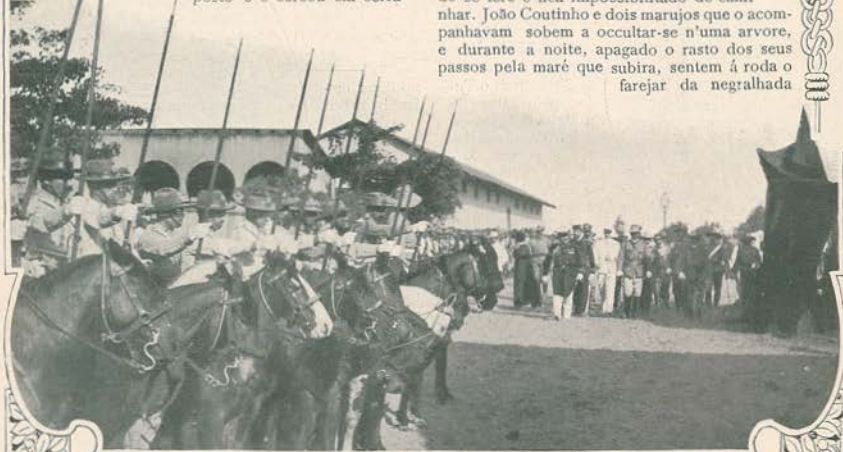
Alguns mezes depois João Coutinho tinha o commando do *Lurio*, outro pequeno hiate do cruzeiro da costa. Commandava esse



1—O *Auxiliar*, que Azevedo Coutinho commandou na expedição ao Tungue.
2—João de Azevedo Coutinho, capitão-tenente da armada e actual ministro da marinha.—(Cliché Bobone).
3—O acampamento do Barú.

barco e achava-se com seis praças de marinhagem e vinte soldados de Angola em um pequeno posto do Infusse, quando Sualé, regulo infiel que havia sido deposto pelo governo, atacou o posto e o cercou em cerra-

bentação ia trazer. Construindo, por ordem que tivera, uma aringa no alto de uma collina, regressava ao seu hiate ao anoitecer, findo o trabalho do dia, quando ao atravessar um mangal atolado de lodo se fere e fica impossibilitado de caminhar. João Coutinho e dois marujos que o acompanhavam sobem a occultar-se n'uma arvore, e durante a noite, apagado o rasto dos seus passos pela maré que subira, sentem á roda o farejar da negralhada



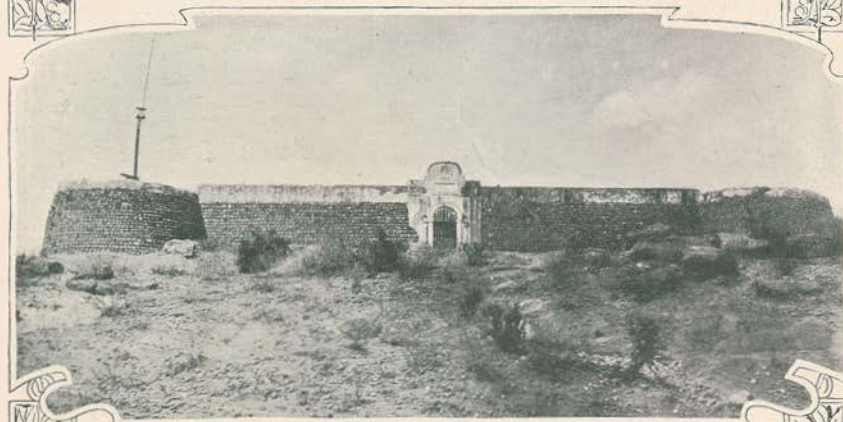
Forças azendo a continencia a João Coutinho antes da partida para o Barué

do bloqueio. Foi esse primeiro cerco de alguns dias, até que gente do Ibrahimo, regulo alliado, o foi soccorrer, o prologo da brilhante carreira de guerra em Moçambique que havia de encher o seu nome de prestigio.

Voltou ao commando do *Tungue*. Na barra do Moginquale, com risco da propria vida, segundo as palavras do Boletim de Moçambique, salva doze pessoas que a re-

que os sobera perdidos e os buscava para os trucidar.

Por todos os recantos da costa os hiates de João Coutinho apparecem em busca de negreiros. A' frente de forças de marinheiros fazia a occupação da Muchelia e de Sangage. Em Quisimajulo, insultado pelo proprio Marave que lhe pergunta o que faz um official n'aquellas terras que não são do governo, abre-



O orte de D. Luiz em Tété



Vapores com tropas no Zambeze, seguindo para o Barué



Uma vista do Zambeze



Os cypses de Raphael Bivar no Barué

lhe a cabeça com uma corônhada; e ao dar-se o conflicto com o sultão de Zanzibar, encontra-se commandando o vapor *Auxiliar* entre as forças que fundeiam no Tungue, não podendo faltar a sua figura brilhante n'essa ultima grande assembléa de navios portuguezes, que um almirante commandou, promptos para o combate.



bate das ondas do canal de Moçambique a caminho do delta do Zambeze na pequena lancha de roda, raza como um taboleiro, que era um brinquedo sobre as aguas do mar, mal sonhava o espirito aventureiro de João Coutinho a aureola de gloria que o commandada pequena lancha havia de trazer ao seu nome! E' que, no commando da *Cherim*, que durou



1—Grandes Angonis e o tenente da armada Brito, que bateu a Matanga e os commandos na columna do Barué.

2—No Barué

Ao fim de 3 annos e meio de estação, João Coutinho, ganhos os galões de segundo tenente e cheia de louvores a sua folha de serviços, retira n'uma canhoneira para Lisboa.

Vêmol-o em seguida na primeira viagem do *Mac-Mahon*, pequeno vapor que alguns annos depois havia de morrer na barra do Limpopo; e sem treguas na sua vida activa, em junho de 1889 é nomeado para a hydrographia do Zambeze e para o commando da lancha-canhoneira *Cherim*, construida para navegar nas aguas d'esse rio.

O commando da *Cherim!*

Ao sahir de Tangalane e ao soffrer o primetro em



João de Azevedo Coutinho no Barué

até aos fins de 1890, é que João Coutinho, nas aguas do Zambeze e

do Chire, defrontou todos os successos da pendencia com a Inglaterra, que em Portugal inteiro, a tantos milhares de leguas de distancia, havia de atear o patriotismo.

A 14 de novembro de 1889, João Coutinho, depois de 14 horas de fogo, entrava com a guarnição da sua lancha na povoação fortificada de Chilomo, que tinha sido defendida por 4:000 makololos. Alguns dias antes Serpa Pinto repellira em uma derrota sangrenta Miauri e as suas tropas. A 19 os canhões da *Cherim* tomavam Katunga... Espadanando, com a roda, as aguas do Chire, destroçando as mangas dos makololos com as balas dos canhões-revolver, a *Cherim* ia implantando a bandeira portugueza até ás aguas



O estado maior da

do Nyassa, quando o *ultimatum* susteve o seu avanço glorioso, que em Portugal fazia vibrar de enthusiasmos a população inteira.

João Coutinho, pela sua bravura, disse Neves Ferreira, governador de Moçambique, tinha sobre os indigenas um prestigio quasi sobrenatural. Feito governador do Chire pela retirada de Serpa Pinto, e entregue em suas mãos o commando de todas as forças em operações, em fins de 1890 batia o Mlolo, subjugava o Massingire, que havia muitos annos estava rebelde, submettia todo o resto do paiz até á região



A barraca de João de Azevedo Coutinho na expedição do Barué.

companha do Barué.

das cataractas, «missão que desempenhou com a sua habitual coragem — são palavras de Serpa Pinto — e ainda com prudencia superior a todo o elogio, porque conseguiu pacificar o paiz e converter os vencidos em amigos.»

Do *savoir faire*, do tacto intelligente com que o official de extremada bravura procedia em todos os seus actos, nota alguma se destaca como a referida nas proprias palavras de Harry Johnston, um dos fundadores do protectorado britannico da Africa central. Vindo do Tanganika, Harry Johnston descia o Chire. João



Os Cypaes marchando no leito secco do rio Muiza, no Barué

Coutinho occupava Katunga. Estava no auge a luta esforçada dos portuguezes sacudindo as pretenções da occupação ingleza. Um sargento portuguez, por ordem do governador do Chire, manda parar o bote inglez e atraca-o á margem. Damos a palavra a Sir Harry Johnston: «João Coutinho, levantando polidamente o chapéu, antes que eu tivesse tempo de dar largas aos meus sentimentos de irritação por me ver assim parado em viagem, diz-me: Tomei a liberdade de o mandar parar para se não desencontrar com o seu correio que aqui está; e como vem de uma viagem longa pelo interior e deve estar a curto de viveres, pedia-lhe que aceitasse parte do meu rancho para ir até Quelimane. Em seguida deu-me uma ordem para não ser molestado na minha viagem e despedia-se quando eu atalhei, agrade-

sagrava-o o triumpho da mais espontanea e mais estridente aclamação popular.

Em abril do mesmo anno, apenas tres mezes depois, João Coutinho seguia de novo para Moçambique. Antonio Ennes, ministro da marinha, incumbira-o de uma expedição que devia percorrer a margem portugueza do Nyassa e seguir da margem do lago para a costa, batendo o Mataka e vingando o desastre da expedição do tenente Valadin.

Por difficuldades na organização, foi-se demorando em Lourenço Marques a partida da expedição, chegando entretanto boatos de grave rebellião nas terras do Zambeze.

Havia revolta no Barué e na Macanga. Antonio Ennes, chegado á provincia como commissario régio, resolveu



A aringa da Maganja da Costa. (1898)—Reconhecimento dos chefes prisioneiros

cendo-lhe calorosamente o seu procedimento. João Coutinho então acrescentou: Estamos ambos servindo o melhor que podemos os nossos respectivos paizes; mas por mais que divirjam as nossas politicas, não ha razão para que dois brancos se disputem e maltratem no centro d'África.»

Sob a farda do official valente pulsava o coração do portuguez fidalgo, dando lições de cavalheirismo aos flibusteiros da companhia ingleza.

O cordão de ouro de official da Torre Espada e a cruz do habito de Christo vinham recompensar militarmente João Coutinho. Nas salas das côrtes o seu nome era apregoado como um benemerito da patria. A imprensa, a academia, o povo, faziam d'elle o heroe d'aquellas horas infelizes; e quando em 11 de janeiro de 1891, por coincidência no primeiro anniversario do *ultimatum*, João Coutinho desembarcava em Lisboa, con-

que João Coutinho, enquanto não chegava nova estação propicia para a campanha do Mataka, fosse bater a Macanga e vingar o morticínio dos officiaes trucidados em 1888.

Ao chegar á Zambezia foi João Coutinho informado de que a rebellião do Barué tinha tomado proporções colossaes. Manuel Antonio de Sousa, capitão-mór de Manica, e Paiva de Andrade tinham sido durante algum tempo feitos prisioneiros dos rebeldes, e, abalado d'essa forma o seu prestigio, o facto concorrera para insuflar a sublevação, avivando-se alianças de povo para povo. João Coutinho resolveu alterar o seu objectivo, combinar-se com Manuel Antonio, subjugar a revolta do Barué e só depois d'ella vencida marchar para a Macanga, emprehender essa segunda expedição com o auxilio do capitão-mór de Manica e liquidar ambas as campanhas ainda a tempo de cumprir os desejos de Antonio Ennes na expedição do Nyassa.



Aportou na Chiramba, à margem do Zambeze. Ao começo da marcha juntaram-se-lhe 1:000 homens com um logar-tenente de Manuel Antonio. Ao fim de tres dias de marcha, com uma força de 4:000 irregulares, duas peças e uma metralhadora, deparava n'um extenso campo sem elevações com a aringa de Mafunda, fortaleza armada e guarnecida de immensa gente, amplamente municuada.

João Coutinho resolveu cercal-a, abrigar a sua gente em aringas que mandou construir em torno da fortaleza inimiga, fatigar os sitiados e obrigar os a esgotar munições para mais facilmente a tomar de assalto. As baixas eram muitas; Camba, o capitão das forças de Manuel Antonio, tinha sido morto no começo do combate; pelo meio da tarde havia mais de 60 mortos e de 180 feridos no campo dos sitiadores. O material de artilharia, mau e mal con-

servado, prejudicava o ataque; as escorvas d'uma peça Hotchkiss não se inflammavam, a metralhadora estava empenada de uma pancada que apanhára, e, torta tambem, uma peça de 8 cm., que completava a bateria, ia como podia dando conta do maior do trabalho. Apesar d'isso a defeza enfraquecia a olhos vistos; faltavam balas, appareciam já nos projecteis caídos no acampamento bocados de arame cortado; uma centena de mulheres, que o inimigo expulsára da aringa e que cairam prisioneiras, confirmaram o desalento que lavrava, o enfraquecimento, a certeza de que se caminhava para a rendição. A' sombra de uma arvore enorme, a uns duzentos metros da aringa, tinha João Coutinho montado a artilharia; um pouco á direita e á retaguarda estava um cunhete de cartuchos de polvora, ainda fechado, destinado á peça de 8 cm. João Coutinho



1—A meza dos officiaes de marinha da columna de operações ao Barué
2— Grupo dos officiaes que acompanharam Azevedo Coutinho ao Barué



S. S. A. A. Reaes os duques de Connaught e sua filha a princesa Patricia recebidos por João de Azevedo Coutinho e sua esposa, em Moçambique.

rectificava a pontaria de um tiro; perto d'elle Pedro Valdez, Feijó Teixeira, Andrade, João Antoniotti, Alvaro de Barros, José e Carlos de Paiva Raposo, Manuel Barba de Menezes, umas praças de marinha e um magote de pretos espreitavam o resultado do tiro que o commandante apontava... Uma planqueta, bala de elephante, atirada da aringa, fucrou o cunhete da polvora... A explosão foi formidável!

Envoltos em chammas, endoidecidos pela dor, os feridos corriam de um lado para o outro, sem reflexão, sem noção de outro perigo! Manuel Barba de Menezes, o desditoso guarda-marinha que conjuntamente com Carlos Paiva Raposo e tantos companheiros tinha a condenação de perder com aquelle desastre a vida,

corria como louco, envolto em fogo, a caminho da aringa do inimigo! A João Coutinho arrancavam-lhe o fato ao mesmo tempo que pedaços de pelle!

Heroico de serenidade, cantarolando uma canção popular para animar os commandados emquanto mandava seguir para a margem do rio os feridos mais perigosos, não queria levantar o cerco, não queria abandonar o combate. Quando o obrigaram a dar a ordem de retirada, tinha perdido a vista e uma chaga enorme, abrangendo a cabeça, a cara, as costas e os braços, estorcia-o em dôres intoleráveis. Do relatório do medico que o tratou consta que durante dois mezes e meio de tratamento o seu estado foi por vezes desesperado.

O Barué, aliado d'esta vez com a fatalidade, ficava de novo vencedor. Um dia havia de vir em que o próprio João Coutinho o conquistasse.

Regressado á Europa e louvado pela bravura, condecorado com as medalhas de ouro de valor militar e de serviços no ultramar, mandando-se-lhe gravar n'esta medalha a triplice legenda «Chire-1889, Mlolo 1890, Barué 1891», João Coutinho reintrou nos serviços da marinha e passou algum tempo cabe-lhe o commando do *Salvador Corrêa*. Foi nas viagens



A cannoneira *Liberal*, commandada por Azevedo Coutinho em 1897

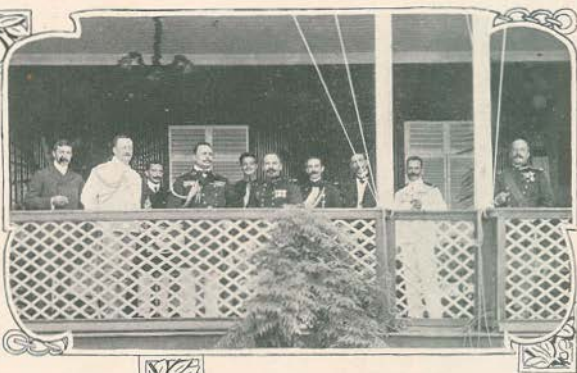


A entrada do palacio de S. Paulo em Moçambique. Vêem-se descendo á escada a esposa de Azevedo Coutinho e a filha do millionario do Transvaal Leonel Philippus.

com que se estreou este navio; cruzou um tempo na costa de Portugal e em setembro de 1895, saiu para Angola, n'um dia que foi celebrado em marinha por sahirem para longinquos serviços, na mesma occasião, do porto de Lisboa, o cou-raçado *Vasco da Gama*, que ia á India acudir á revolta dos ranes, o *Africa*, que ia fazer uma das suas habituaes circumnavegações, o *India*, que ia para Angola, a *Honorio Barreto*, que ia para a Guiné, e o *Salvador Corrêa*.

Em janeiro do anno seguinte o *Salvador Corrêa* recebia ordem para seguir de Angola para Lourenço Marques. O *Salvador* é um pequeno transporte de 300 toneladas, que ao de cima de agua pouco mais tem do que a superestrutura do *spardeck* corrido por todo o navio. Optimo naviosinho para as subidas do Zaire e para as singraduras bonançosas do *Mar das Patas*, o *Salvador* era mandado dobrar o Cabo Tormentorio, para fazer serviço nas aguas do Canal de Moçambique. Como ao menino, ao horracho e ao navio de guerra portuguez dizem em marinha que Deus põe a mão por baixo, o *Salvador* navegou para os mares do Sul de Africa fiado em que, como muitos dos seus companheiros de trabalho, levaria a cabo a sua temerosa empreza.

Nem sempre o mar nos protege. O temporal nas aguas do Sul era medonho! O pequeno barco capeava esperando as ondas, tombava no cavado d'ellas, estremecia como se se des-fizesse; e ao fim d'alguns dias de lucta sem que a tormenta cedesse e sem que elle pudesse resistir mais, o *Salvador*, cobrindo o mar



João de Azevedo Coutinho, governador geral de Moçambique, na sua primeira visita official á Beira.

em torno com azeite regado pela agulheta d'uma bomba, para apacar a furia das ondas enormes, com a bandeira portugueza içada no penol para que as nuvens negras do ceu e a espuma branca do mar vissem de que nação era o navio que sahia do combate com todas as honras dos vencidos, desfez a capa, deu a pôpa á tormenta e começou a correr com o tempo em procura dos portos que deixára. Treze dias depois da largada reintrava nos portos de Angola, derrotado, mas tendo cumprido o seu dever.

Em 1897 João Coutinho apparece de novo nas campanhas de Moçambique. Mousinho organisára a expedição dos Namarras e João Coutinho fôra escolhido para commandar um destacamento de marinha. Nas acções da Naguema, do Ibrahimio e de Mucuto-Muno, João Coutinho foi o valente official do seu passado.

Pouco depois, tendo Mousinho de retirar para o Sul por as noticias de Gaza o sobresaltarem, entregou no acampamento o commando da columna a João Coutinho, sendo sob as ordens d'este a marcha urgente da columna até ao Mossuril. Por esta campanha, João Coutinho, com os louvores de Mousinho, era condecorado com a medalha militar de bons serviços.

Em seguida Mousinho d'Albuquerque escolhia-o para o governo da Zambesia. Não foi só o guerreiro que se revelou. Este teve occasiões de se impôr de novo, abafando a nova revolta do Cambuema nas terras do Baruc e emprehendendo a occupação da Maganja da Costa, que tantos proventos havia de trazer. E' Mousinho que celebra o seu governo justo e intelligente, ao fim do qual as receitas do



O boab gigantesco da aringa do Missongue



A columna expedicionaria do Barué em marcha

districto estavam sensivelmente accrescidas. Pela primeira vez a gente dos prazos bongas, nossos thõ temiveis inimigos, serviram durante este governo de Coutinho nas fileiras fieis. O seu immenso prestigio na Zambesia podia mais do que as forças de uma occupação.

Na campanha da Maganja da Costa communicaram uma vez a João Coutinho que os *grandes* da região queriam *pegar pé*. Exigiam porém para o fazer que Coutinho sahisse do acampamento, de noite, desacompanhado, e fôsse ao seu encontro. João Coutinho não hesitou, e ás duas horas de uma noite foi sósinho, caminhando pelo sertão, ao encontro dos *grandes* da Maganja, a quem dictou em nome do rei de Portugal as condições da capitulação.

Em 1902 chegou de novo a vez ao Barué, a região continuamente insubmissa e que a nossa politica ultramarina impunha que então se dominasse. Foi entregue a João Coutinho o governo da Zambesia e a incumbencia de organizar e commandar a expedição.

O que foi essa campanha e quaes os seus resultados são factos muito recentes. O Barué, que tantas vidas tinha sorvido, theatro de tantos massacres e da agonia de tantos portuguezes, foi percorrido e occupado com a singeleza, a perfeição de manobra de um passeio militar. O Macombe foi posto em fuga, o Cambuembá e o Luiz da Gorongoza feitos prisioneiros e afastados de vez do theatro da sua rebelião, e toda a companhia executada com uma precisão, um tal cuidado de preparação, que a fazem considerar como uma guerra typo d'aquellas regiões. João Coutinho foi feito grande official da Torre Espada e

a Sociedade de Geographia, em uma sessão solemne em que foi feito o seu elogio, entregava-lhe a medalha que apenas Capello, Ivens e Galhardo tinham usado antes d'elle.

Anos depois João Coutinho foi feito governador de Moçambique. Como nota do seu character, sempre cavalheresco, sempre pundonoroso, João Coutinho, ao contrario do que tantos em situações semelhantes tem feito aproveitando as altas magistraturas em que os investem

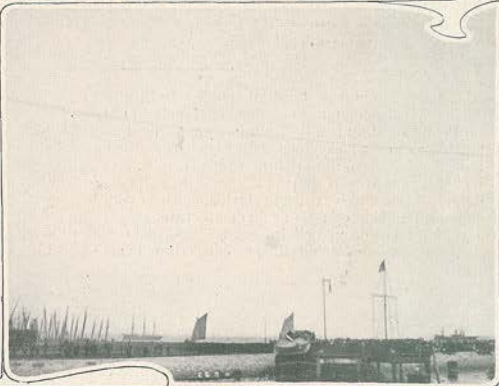
para apartar o pecculo da velhice, ao partir para Moçambique, vendeu o seu palacio de Lisboa, para poder, no governo superior que ia assumir, viver como um vice-rei portuguez. E quando os principes inglezes visitaram a colonia de Portugal, tiveram d'essa vez um fidalgo a rebellos.

Foi curto o seu governo. Na instabilidade do nosso paiz nos ultimos annos, curtas tem sido todas as suas commissões. Governador civil de Lisboa pela segunda vez, chamado em pouco tempo a ministro da marinha, official de marinha *enragé*, como em toda a sua carreira se tem mostrado, fanatico pela sua farda, pela sua profissão, pela camaradagem dos demats officiaes, cercado da sua estima que apenas deseja o pretexto para o applaudir, é n'elle, na sua indiscutivel boa vontade que a marinha de Portugal põe uma ultima esperanza. Se elle a não levantar, se não for a sua mão prestigiosa e cheia de entusiasmo que a arranque á sepultura, então, nação dos navegadores e das glorias maritimas, reza por alma da Armada de Portugal!



A aringa da Morôa (campanha de 1897, na Zambesia)

O PRÓDIGIO DO HERCULES AÇORIANO



rio, onde a outra extremidade do arame se prendia n'uma boia. A multidão enchia a grande praça e, quando o hercules voltou da sua arriscada travessia, aplaudiu-o com um enorme entusiasmo, pagando-lhe assim os momentos de ansiedade que lhe fizera passar. João d'Azevedo parte com os dentes grossas cavilhas e faz outros exercícios tão prodigiosos como a sua passagem sobre o rio.

O hercules João d'Azevedo, ao apparecer nas redacções a contar a sua vida e trabalhos, foi olhado com pasmo. Ao começo não se acreditou e como o facto se desse no primeiro de abril falou-se até n'um bem imaginado *poisson*. Não era porém assim. O açoriano só dizia a verdade e, em 10 de abril, mostrou-se ao publico lisboeta, admirado de tanta audacia, suspendendo-se pelos dentes n'um forte cabo ligado no torreão da Bolsa, no Terreiro do Paço, e deslizando até meio do



1 e 2—João d'Azevedo no torreão da Bolsa. 3—Durante a travessia
4—Aspecto do Terreiro do Paço durante o exercicio.
(Clichés de Benoitel)

BIENVENIDA E MACHAQUITO NO CAMPO PEQUENO

A tourada em que tomaram parte *Machaquito* e *Bienvenida* chamou uma enorme concorrência ao Campo Pequeno em vista da fama dos toureiros muito admirados pelos afeiçoados tauromachicos portugueses. *Machaquito* é um artista de reputação bem merecida, querido pelo seu trabalho sempre surpreendente, e mais uma vez n'essa corrida mostrou com a maior serenidade os seus avultados recursos.

No meio de verdadeiro entusiasmo, tanto elle como *Bienvenida* trabalharam com arte e deno'o



1—Os espadas e Blanquet agradecendo as ovações.

2—Um par de bandarihas de *Bienvenida*. 3—*Bienvenida* simulando a sorte de morte. 4—Um bom par a cambio de *Bienvenida*.

5—*Bienvenida* toureando de muleta. 6—*Bienvenida* entrando a matar.



Machaquito lançando de capote



Machaquito toureando de muleta



Machaquito cambiando superiormente



A primeira arpa de José Bento

nas sortes de bandarilhas, em que não podiam ter sido mais correctos, e nas faenas de muleta mostraram-se bem á altura do seu valor.

Machaquito, d'uma simplicidade estranha que não lhe encobre o arrojo, sereno deante do touro, arrancou applausos; *Bienvenida*, d'uma grande elegancia e



Uma farpa á garupa, por Manuel Casimiro



O derrote d'um forcado

aprumo, compartilhou d'essas manifestações inteiramente justas.
José Bento e Manuel Casimiro, defrontando-

que teve no centro da sorte e Ribeiro Thomé fez um excelente *quarteio*.

Um dos forcados foi levado em braços para a enfermaria, por ter recebido uma forte bolada ao peito na ocasião em que tentava fazer uma péga. Também o forcado José Russo se viu a perros com o mesmo animal, que lhe deu frequentes derrotes. Os touros, que pertenciam ao sr. Antonio Luiz Lopes, tinham o ferro de varias *ganaderias* e saltaram algumas vezes á trincheira falsa, não sendo todavia dos melhores para a lide, mas devido á boa vontade dos artistas a corrida não deixou de interessar os espectadores.



Bienvenida e Blanquet preparando o touro para Machaquillo matar

se com animaes avessos ao toureio, foram d'uma persistencia notavel, rematando as sortes com a sua habitual mestria. Cadete e Blanquet, que é um grande peão de *bréga*, trabalharam com verdadeiro luzimento. Manuel dos Santos sobresaiu na lide, suplantando o hespanhol Limeño com aquella valentia que o caracteriza. João d'Oliveira foi colhido em virtude da demora



Bienvenida lanceando de capote
(Clichés de Benollet)

Um Grande Artista Augusto Rosa

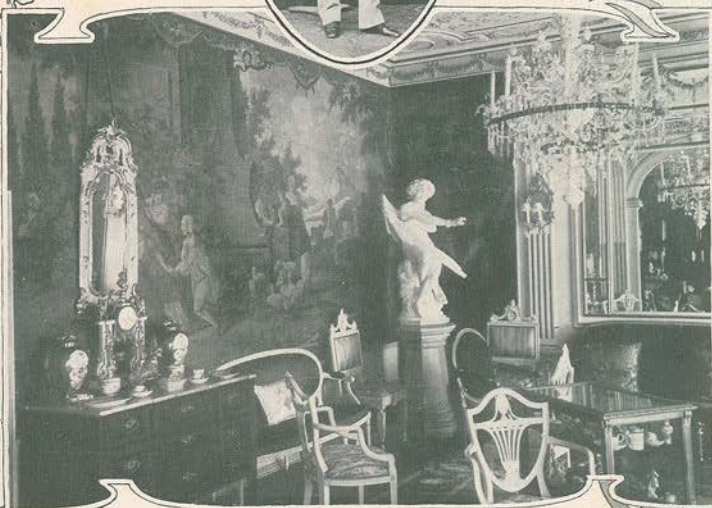


Augusto Rosa aos 17 anos, retrato de Lupi

1—O mais recente retrato de Augusto Rosa (Cliché Fernandes) 2—O primeiro papel de Augusto Rosa, o Morgado de Fafe



Augusto Rosa não é só um grande actor; é, em toda a extensão e em toda a nobreza da palavra, — um grande artista. O que nós admiramos e applau-



A sala de Augusto Rosa na sua casa da rua do Arco do Limoeiro (Cliché de Benoitel)

dimos n'elle, não é apenas o creador glorioso de tantas figuras celebres, o interprete admiravel de Dumas, de Pinero, de Bernstein; é tambem, e acima de tudo, o cooperador intelligentissimo, o ensaiador excepcional, que possui, como ninguém, o poder de animar, de estylisar, de transfigurar as obras d'arte em que toca, e cujo prestigio conselho, como o de Guity em França, é ouvido com respeito por actores e por auctores dramaticos portuguezes. Quando alguem, mais tarde, escrever a historia do theatro em Portugal no ultimo quartel do seculo XIX—talvez o periodo mais brilhante do nosso theatro,—o nome illustre de Augusto Rosa será um dos primeiros a citar. Não apenas como comediante, que o é, notavel entre os mais notaveis,—mas tambem, e muito especialmente, como renovador, como director, como mestre, como um dos mais progressivos, dos mais elegantes e dos mais cultos espiritos do seu tempo.



THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO DE LISBOA

ESCRITURA THEATRAL

obra assinada

Este é o actual Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa, que se fundou em 1880, e se tornou em 1887, o Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa.

1.º A fundação do Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa, foi o resultado de um projecto de Augusto Rosa, que se tornou em 1880, o Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa.

2.º A fundação do Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa, foi o resultado de um projecto de Augusto Rosa, que se tornou em 1880, o Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa.

3.º A fundação do Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa, foi o resultado de um projecto de Augusto Rosa, que se tornou em 1880, o Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa.

4.º A fundação do Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa, foi o resultado de um projecto de Augusto Rosa, que se tornou em 1880, o Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa.

5.º A fundação do Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa, foi o resultado de um projecto de Augusto Rosa, que se tornou em 1880, o Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa.

6.º A fundação do Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa, foi o resultado de um projecto de Augusto Rosa, que se tornou em 1880, o Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa.

7.º A fundação do Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa, foi o resultado de um projecto de Augusto Rosa, que se tornou em 1880, o Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa.

8.º A fundação do Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa, foi o resultado de um projecto de Augusto Rosa, que se tornou em 1880, o Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa.

9.º A fundação do Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa, foi o resultado de um projecto de Augusto Rosa, que se tornou em 1880, o Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa.

10.º A fundação do Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa, foi o resultado de um projecto de Augusto Rosa, que se tornou em 1880, o Theatro do Gymnasio Dramatico de Lisboa.

Artista de raça e de nascença, Augusto Rosa descende d'artistas. Marcou-o, desde o berço, a costella d'oiro de Jupiter. Como a dynastia illustre dos Bordallos, a dynastia dos Rosas distinguio-se pela herança homologa do talento. Filho do grande actor Rosa, uma das mais aclamadas figuras do theatro romantico em Portugal, simultaneamente pintor, esculptor e comediante, Augusto herdou de seu pae, além das qualidades nativas e dos recursos plasticos d'um grande actor, a mais apurada, a mais vibratil sensibilidade artistica, um fino gosto que em tudo se revela, que nas mínimas coisas se affirma, uma originalidade impressiva e delicada, uma intelligencia prompta e brilhante, e esse superior e essencial culto da Arte que foi sempre o segredo dos seus maiores triumphos. Não se dedicou simultaneamente a tres artes, como seu Pae; o seu talento, não modelou os gessos gloriosos de Garrett,



1—Os artistas do D. Maria, que constituíam em 1880 a primeira companhia que foi ao Brazil e de que fazia parte Augusto Rosa. 2—A primeira escriptura de Augusto Rosa no theatro do Gymnasio 3—Grupo da companhia do D. Maria, que foi ao Brazil em 1887.

de Epiphânio, de Rossi; não deixa uma tãa, um carvão, a modelação obscura d'um pedaço de barro: e entretanto, que assombroso pintor, na composição audaciosa das suas figuras, é esse creador soberbo do *Amigo Fritz* e do *Don Cezar*, do *Henrique III* e do *Conde de Avranches*, do *Simão Peres* e do *Pastor de Gil Vicente*! Que poder pictural, que visão creadora, que energia de expressão plastica a d'este sumptuoso evocador de typos,—digno filho d'um pintor e de um escultor illustre, que o acaso converteu em comediante mais illustre ainda! E apesar d'isso, como o velho pae Rosa desejou que seus filhos fossem, antes de tudo, pintores! Com que fé mandou elle seu filho João seguir o curso da Academia de Bellas Artes, e com que amarga desillusão o viu depois, sem ter completado o segundo anno, abraçar definitivamente a carreira do theatro! Augusto, muito mais novo do que seu irmão, esboçára as mesmas tendencias; para quê, contrariar-o? Os seus quinze annos illuminavam-se de talento e de belleza; tentavam-n'o os sóccos de purpura da comedia classica; deslumbavam-n'o o manto multicolor de Arlequin e as pantalonas de velludo negro de Scaramouche; na sua alma de adolescente cantavam estrophes heroicas e murmúrios apaixonados; a multidão atrahia-o, reclamava-o; a gloria povoava todos os seus sonhos de creança. Era fatal. A mão poderosa de seu Pae tinha de conduzi-lo a elle, como já conduzira seu irmão mais velho. Mas o grande e extinto artista não quiz iniciar no theatro o seu se-



A companhia do D. Maria, no Brazil, em 1886.
(Clichê de A. Heitor, Rio de Janeiro)



A sala de jantar de Augusto Ross.

(Clichê de Benoliel)



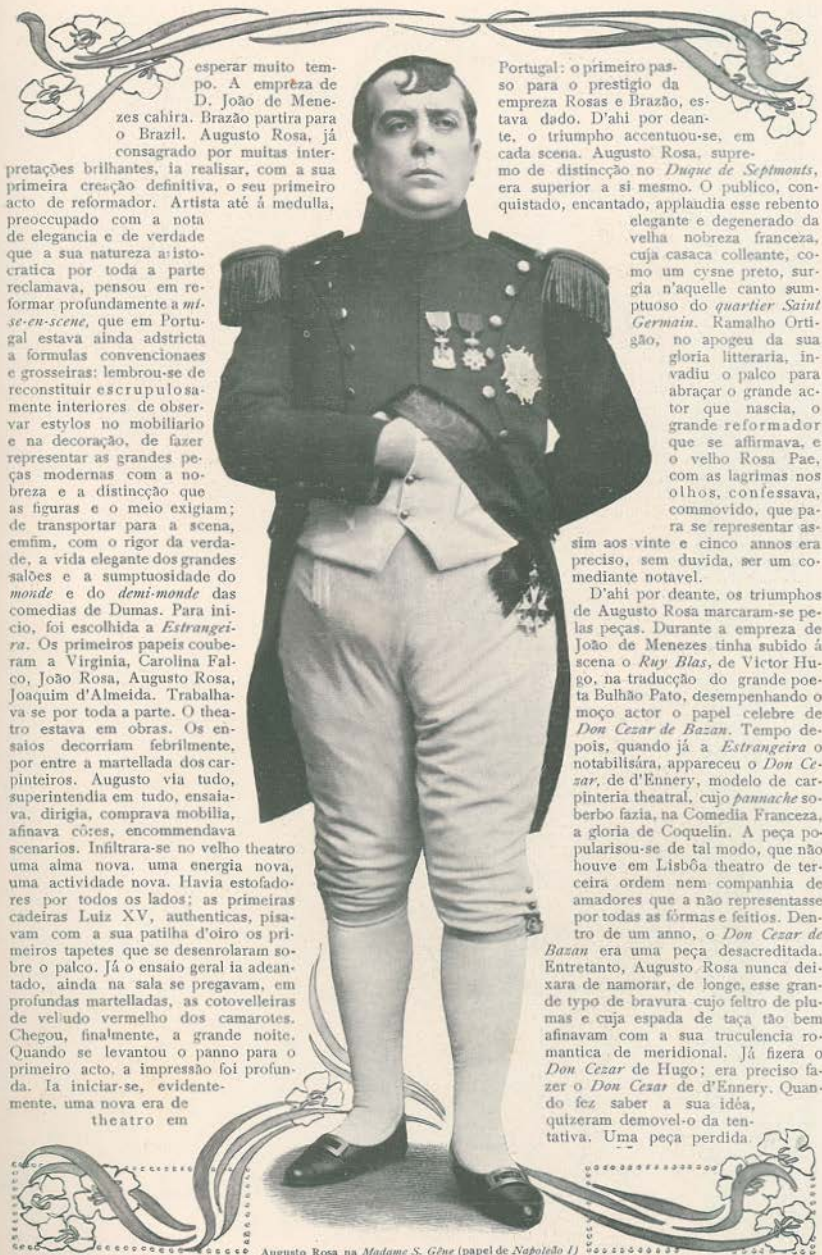
No *Cezar de Bazan*
(Aquarella de Columbano)

Augusto
Rosa
no *D. Cezar*
de *Bazan*.
(Clichés Bobone)

gundo filho sem uma longa e escrupulosa aprendizagem. Queria-lhe muito para o entregar, sem a necessaria preparação e sem a precisa escola, aos acasos d'uma carreira em que os primeiros passos são muitas vezes decisivos. O terreno era soberbo; cultivou-o pacientemente, com todo o seu amor de pae, com todos os seus cuidados de mestre.—e durante dois annos, Augusto Rosa, sob a direcção do grande actor que toda Lisboa romantica admirava, fez um verdadeiro curso d'arte dramatica, preparou-se para o seu futuro *métier* de artista, e recebeu, em lições diarias e regulares, os conselhos do talento e da pratica paterna. Como esses conselhos foram fecundos, dil-o toda a sua carreira gloriosa de comediante, rasgada a golpes de elegancia e de genio, de sciencia e de audacia.

Logo a sua estreia, realisada no Porto, com o *Morgado de Fafe*, de Camillo Castello Branco, corôa de gloria do grande Rosa pae, foi uma revelação. Aquelle rapazito petulante e esbelto, de grandes olhos negros e longas mãos pallidas, que lembrava certos quadros de Van Dyck e cuja belleza viril o bello retrato de Lupi fixou, afirmou-se desde logo pelo seu talento, pela sua exptoneidade, pela sua graça, pela sua elegancia natural. Estava ali um actor. As tradições de familia mantinham-se, e a estirpe dos Rosas, illustre já pelo prestigio de dois grandes nomes, enriqueceu-se ainda pela promessa d'uma terceira gloria.

O cumprimento formal d'essa promessa não se fez



esperar muito tempo. A empreza de D. João de Menezes cahira. Brazão partira para o Brazil. Augusto Rosa, já consagrado por muitas inter-
pretações brilhantes, a realizar, com a sua primeira criação definitiva, o seu primeiro acto de reformador. Artista até á medulla, preocupado com a nota de elegancia e de verdade que a sua natureza aristocrática por toda a parte reclamava, pensou em reformar profundamente a *mise-en-scene*, que em Portugal estava ainda adstricta a formulas convencionaes e grosseiras: lembrou-se de reconstituir escrupulosamente interiores de observar estylos no mobiliario e na decoraçao, de fazer representar as grandes peças modernas com a nobreza e a distincção que as figuras e o meio exigiam; de transportar para a scena, emfim, com o rigor da verdade, a vida elegante dos grandes salões e a sumptuosidade do *demi-monde* das comedias de Dumas. Para inicio, foi escolhida a *Estrangeira*. Os primeiros papeis cobriram a Virginia, Carolina Falco, João Rosa, Augusto Rosa, Joaquim d'Almeida. Trabalhava se por toda a parte. O theatro estava em obras. Os ensaios decorriam febrilmente, por entre a martellada dos carpinteiros. Augusto via tudo, superintendia em tudo, ensaiava, dirigia, comprava mobilia, afinava côes, encomendava scenarios. Infiltrara-se no velho theatro uma alma nova, uma energia nova, uma actividade nova. Havia estofadores por todos os lados; as primeiras cadeiras Luiz XV, authenticas, pisavam com a sua patilha d'oiro os primeiros tapetes que se desenrolaram sobre o palco. Já o ensaio geral ia adeantado, ainda na sala se pregavam, em profundas martelladas, as cotovelleiras de veludo vermelho dos camarotes. Chegou, finalmente, a grande noite. Quando se levantou o panno para o primeiro acto, a impressao foi profunda. Ia iniciar-se, evidentemente, uma nova era de theatro em

Portugal: o primeiro passo para o prestigio da empreza Rosas e Brazão, estava dado. D'ahi por deante, o triumpho accentuou-se, em cada scena. Augusto Rosa, supremo de distincção no *Duque de Septmonts*, era superior a si mesmo. O publico, conquistado, encantado, applaudia esse rebento elegante e degenerado da velha nobreza franceza, cuja casaca colleante, como um cysne preto, surgia n'aquelle canto sumptuoso do *quartier Saint Germain*. Ramalho Ortigão, no apogeu da sua gloria litteraria, invadiu o palco para abraçar o grande actor que nascia, o grande reformador que se afirmava, e o velho Rosa Pae, com as lagrimas nos olhos, confessava, commovido, que para se representar assim aos vinte e cinco annos era preciso, sem duvida, ser um comediante notavel.

D'ahi por deante, os triumphos de Augusto Rosa marcaram-se pelas peças. Durante a empreza de João de Menezes tinha subido á scena o *Ruy Blas*, de Victor Hugo, na traducção do grande poeta Bulhão Pato, desempenhando o moço actor o papel celebre de *Don Cezar de Bazan*. Tempo depois, quando já a *Estrangeira* o notabilisára, appareceu o *Don Cezar*, de d'Ennery, modelo de carpinteria theatral, cujo *pannache* soberbo fazia, na Comedia Franceza, a gloria de Coquelin. A peça popularisou-se de tal modo, que não houve em Lisboa theatro de terceira ordem nem companhia de amadores que a não representasse por todas as fôrmas e feitios. Dentro de um anno, o *Don Cezar de Bazan* era uma peça desacreditada. Entretanto, Augusto Rosa nunca deixara de namorar, de longe, esse grande typo de bravura cujo feltro de plumas e cuja espada de taça tão bem afinavam com a sua truculencia romantica de meridional. Já fizera o *Don Cezar* de Hugo; era preciso fazer o *Don Cezar* de d'Ennery. Quando fez saber a sua idéa, quizeram demovel-o da tentativa. Uma peça perdida.

Augusto Rosa na *Madame S. Gene* (papel de Napoleão I)
(Cliché Bobone)

desacreditada por
maus actores, in-
cluida quasi no
repertorio das feiras, vi-
sta já por toda a gente, —
como se admittia que a
incluissem no repertorio
do primeiro theatro do
paiz! Mas Augusto Rosa
insistiu; organisaram-se os
roteiros; encommendou-
se scenario; o eminente
poeta conde de Monsaraz
encarregou-se da traduc-
ção, — e d'ali a pou o os
ensaios começavam, en-
tre risinhos de duvida e
gestos de desanimo mal
dissimulados, na previsão
de que a temeridade do
illustre actor se converteria n'um
ruidoso o irremediavel desas-
tre. Mas a fé e a consciencia
do proprio valor podem muito.
O novo *Don Cezar de Bazan*
surgiu no palco de D. Ma-
ria com o seu gibão de vel-
ludo côr d'ouro, a sua capa
esburacada de



Augusto Rosa
no *Asô* de Perez Galdós.

(Cliché Bobone)

brigão de vieilla,
a sua fidalguia
generosa e insolente,
a sua espada de
ferro de Toledo, o seu
desdem olympico da mor-
te, o seu horror profun-
do dos credores, — e logo
ao primeiro acto, a pla-
téa em peso, que tantas
vezes vira o *Don Cezar*
n'outros theatros e por
outros actores, ergueu-
se n'um movimento de
enthusiasmo e ao mes-
mo tempo de extranheza,
perante aquelle desem-
penho magistral que lhe re-
velava uma obra nova.
O *Don Cezar de Bazan*,
de d'Ennery, tantas vezes vis-
to pelo publico, ainda não ti-
nha sido, verdadeiramente,
representado em Portugal.

Ao lado de Brazão e de seu
irmão João, Augusto Rosa,
seu equal pelo talento, era
a audacia, era o bri-
lho, era a mocidade.
Consolidada a



Um interior da casa de Augusto Rosa.

(Cliché de Benollet)

dos mais bellos do theatro portuguez. Surgiram as tragedias shakespeareanas; representou-se o *Amigo Fritz*, — um dos maiores exitos de Augusto; subiu a scena o *Henri III et sa Cour*, de Dumas pae, a primeira peça do romantismo, onde o moço creador do *Duque de Septmonts* e do *D. Cezar de Bazan* realiso a figura assombrosa do filho de Catharina de Medicis. Com a revivescencia da peça historica e da comedia lyrica, foi-se constituindo, pouco a pouco, um grupo de poetas dramaticos illus-



1—Augusto Rosa, no papel do *D. Alvaro Vaz d'Almada* no *Regente*.



No papel de *Henrique III*



2—No *Luz XVI* de *Maria Antonietta*
3—No *Infante D. Duz* da *Leonor Telles*
4—No *Nuno Alvares Pereira* do *Alfageme de Santarem*

5—*Fritz Kobus* do *Amigo Fritz*.

6—No *Beltrão do Alcaçer Kibir*
7—No *Detournelles* da *Mademoiselle de la Seignère* (*Chelès Bobone*)

empreza, — o espirito de iniciativa residia n'elle. Ia inaugurar-se um dos perio-

tres. — Lopes de Mendonça, D. João da Camara, Fernando Caldeira, Marcellino de Mesquita, cujas obras, d'um cunho fortemente nacional, marcaram o mais brilhante periodo do neo-romantismo portuguez. Dois grandes artistas contribuíram poderosamente para o exito d'essas peças, — *Duque de Viseu, Leonor*

Telles, Affonso VI, Morta, executando, com o maior escrupulo e a maior arte, as resurreições historicas exigidas pelos seus auctores: foram elles o pintor de theatro Luigi Manini e o grande actor Augusto Rosa. Era do primeiro toda a scenographia; era do segundo a direcção suprema da *mise-en-scene*, o estylo, a unidade, a composição, o culto religioso da época. Não se dava um passo sem ouvir o conselho de ambos. O que o theatro portuguez deve a um e a outro é incalculavel. E o que é mais curioso, é que a despeito da energia e do tempo dispendidos com os trabalhos de montagem das peças, Augusto Rosa tinha tempo ainda para compôr as suas personagens, para realisar as suas creações, para viver na scena figuras que se diriam arrancadas ao gothicos ou aos holandezes, a Vellasquez ou a Franz Halls, para levantar os typos admiraveis do *Simão Peres do Affonso VI*, do judeu do *Alcazer Kibir*, do corregedor da *Morta*, do *conde d'Arranches do Regente!* Que talento, que actividade, que sciencia do *métier* dispendeu o grande actor n'esses vinte annos de luta por um theatro melhor, mais verdadeiro, mais honesto, mais escrupuloso e mais brilhante! E como os triumphos o compensavam, a cada novo rasgo de audacia, do talento e do trabalho dispendidos! Como o compensam ainda hoje, no theatro D. Amelia, onde elle é, ainda e sempre, o mestre prestigioso e o conselheiro leal!

A audacia de Augusto Rosa! Mas onde está ahi um grande artista que não seja um grande audacioso? Qual é o segredo de todos os triumphos, senão a ousadia? *A vaincre sans péril, on triomphe sans gloire!* No admiravel creador do *Senhor de Rionor* tudo é ousado: a sua elegancia, o

seu feitio, a sua propria maneira artistica. Mas, nos seus grandes gestos, espreita-o sempre o successo. Como os brilhantes espadachins do seculo xvii, tem como suprema philosophia que o que ha de mais bello na vida é vencer. Foi precisamente ali, no palco da rua do Theosouro Velho, que elle jogou a mais temeraria cartada da sua vida de actor, — e que a jogou com um exito que, entre nós, só Augusto Rosa poderia ter obtido. Estava em Lisboa a illustre actriz Jeanne Hading, creadora illustre da *Sapho*, dando uma serie de recitas no theatro D. Amelia. Para uma d'essas recitas estava annunciada a *Extranqueira*, de Dumas: porque não hav a o illustre artista, que com tão grande exito creára o *Duque de Septmonts* em portuguez, represento tam-



Augusto Rosa no *Simão Peres do D. Affonso VI*

(Cliché de Bohoué)



Augusto Rosa em sua casa
(Click de Benoieli)

N. da R.— No mesmo dia em que, á frente da magnifica companhia dramatica do theatro D. Amélia, Augusto Rosa parte para o Rio de Janeiro, aonde vac, mais uma vez, depois de prolongada ausencia, interpretar na scena brazileira, com a sua arte inexcédível de actor, algumas das melhores obras da litteratura dramatica portugueza, a *Illustração Portuguesa* envia aos seus numerosos leitores do Brazil a biographia do illustre artista, o que sem duvida lhes deve agradar.

bem em francez—pelo menos um acto—com a illustre comediante que a elegancia de Paris mandára em embaixada á nossa capital? O visconde de S. Luiz Braga acolheu com alvoroço a idéa; combinou-se tudo; Augusto Rosa começou a estudar, no original, o 3.º acto da peça que marcará o inicio da sua gloria de actor,—e o primeiro ensaio teve logar na vespera do dia marcado para a representação n'uma das salas dos aposentos occupados por Jeanne Hading no Avenida Palace. Não se calcula o espanto da illustre actriz e d'uma sua gentilissima companheira de *troupe* e de hotel, ao ouvirem Augusto Rosa declamar, no mais puro parisiense, esse papel tão cheio de exigencias e tão erigado de difficuldades. Houve ainda um unico ensaio de conjuncto, no proprio dia da representação,—e quando, á noite, o panno se levantou para o 3.º acto da *Estrangeira*, a platéa, cheia de assombro, viu, contrascenando com a eminente interprete do theatro de Donnay, de Lavedan, de Abel Hermant, o mais correcto, o mais elegante, o mais primoroso, o mais francez dos actores francezes. Lisboa comprehendeu então que esse grande comediante, tão admirado e tão applaudido já, poderia ser amanhã, sem esforço, com uma curta permanencia em Paris, um dos mais célebres creadores da alta comedia parisiense.

Mas Augusto Rosa tem um grande amor ao seu publico e ao seu paiz. Só se afasta do seu theatro para ir, nas férias, a Contrexeville ou a Vichy. Mas vac como docente. O proprio Brazil, onde grande parte dos nossos actores faz a época de verão, ha 17 annos que o não vê. O encanto só agora se quebra: á hora a que se apregoar nas ruas este numero da *Illustração Portuguesa*, a companhia do theatro D. Amélia, com Augusto Rosa á frente, seguirá, n'um paquete inglez, a caminho do Rio de Janeiro. Que a viagem seja prospera, e que o grande actor e o admiravel emprezario que é o visconde de S. Luiz Braga, obtenham ambos, na sua grande *tournee* do Brazil, o exito a que tem direito.



Augusto Rosa no Cardeal de Montmorency da Casa dos Cardeaes (Click de Bobone)

FIGURAS E FACTOS

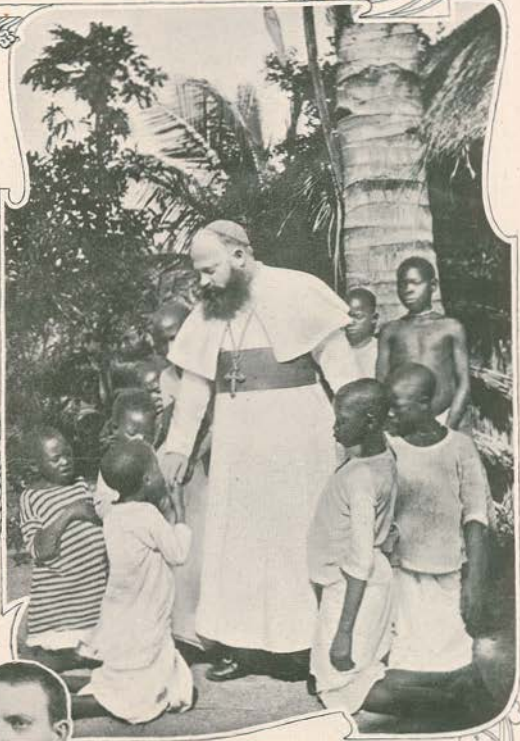
A celebre Orchestra Philharmonica de Munich, sob a regencia do insigne maestro Joseph Lassalle, deu alguns concertos no theatro D. Amelia, que deixaram agradavelmente impressionado o publico de Lisboa. Essa orchestra de reputação europea tem um soberbo repertorio dos mais illustres compositores e inaugurou os seus concertos com trechos de Beethoven, Berlioz, Wagner, Franck e do maestro moderno d'Albert, seguindo-se-lhe, com outros trabalhos de altissimo valor, o *D. João*, de Strauss.



1—Joseph Lassalle e o comité director da Orchestra Philharmonica de Munich. (Cliché Joeger & Gergen)
 2—O espadá Fuentes, que em maio toureia no Campo Pequeno, e regressou agora da America, descendo de bordo do paquete *Cap Villano*. 3—O espadá Fuentes, com sua esposa, que veiu esperal-o a Lisboa, dirigindo-se para terra. 4—Aspecto do comicio promovido pela Associação dos Caixeiros de Lisboa. 5—A nova succursal do *Seculo* no largo de Santa Barbara.—(Clichés de Benoliel)

O NOVO BISPO DE PORTALEGRE

O novo bispo de Portalegre, D. Anton o Moutinho, é, entre os prelados portugueses, exemplo de virtudes. O seu caracter revela-se pela simplicidade; fazendo gala em ser filho do povo não o deslumbrou a mitra. Desde a Universidade soube accentuar a sua vontade perseverante, a sua linha de conducta, harmonisando a sua missão com a vida moderna. D'este modo deu o seu apoio a circulos operarios, á fundação de crèches e de escolas. Esteve em Villa Nova de Gaya, como parochio, após a formatura, sendo dentro em pouco surprehendido pela noticia da sua nomeação para prelado de Mocambique, onde preencheu dignamente o seu lugar, deixando saudades fundas nos seus diocesanos. No bispado de Cabo Verde, onde



1—D. Antonio Moutinho na sua visita á Guiné



2—D. Antonio Moutinho quando prelado de Mocambique
3—O actual bispo no seu 5.º anno de theologia

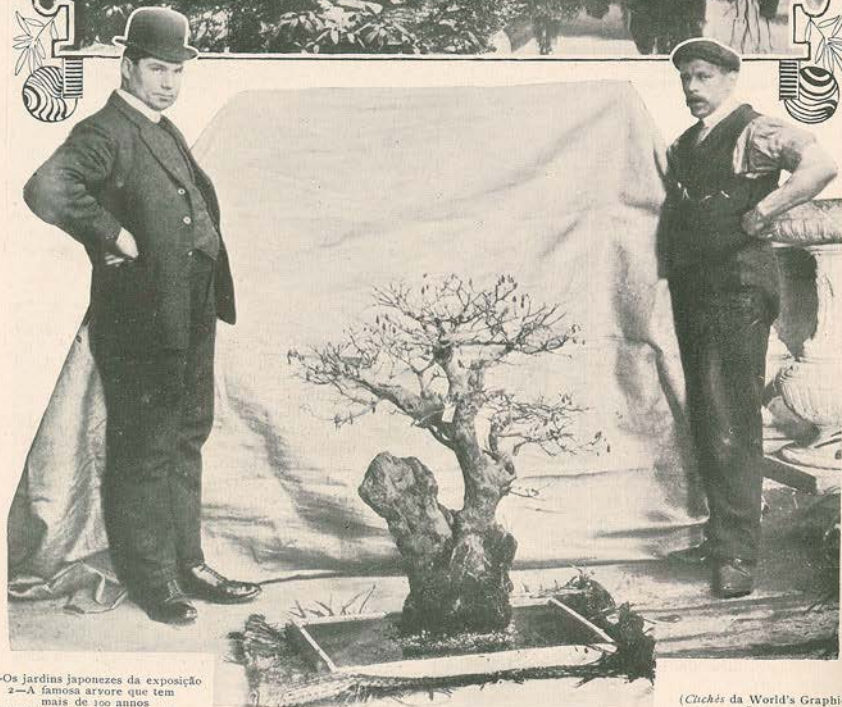
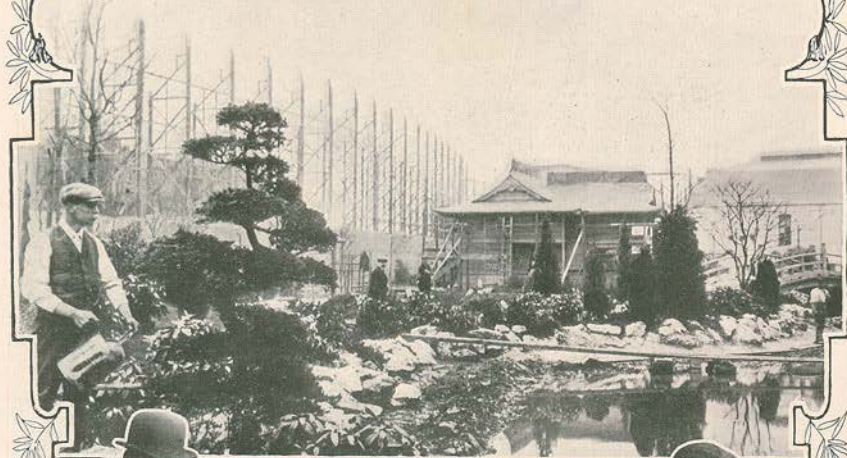
esteve depois, fez actos que o honram e que mais affirmam a sua isenção de pompas, o seu culto pela simplicidade. A's grandes festas cheias de exterioridades preferiu sempre a pratica de bons actos sem ruidosos annuncios. Deixou de lado a politica; não procurou n'ella occasões de se impôr; serviu desinteressadamente a sua patria e d'isso são prova bas-



tante os elogios que o governador da Guiné sr. Francelino Pimentel lhe dirigiu, bem como o de Cabo Verde, sr. Martinho Montenegro, em que frisa a sua bondade e o seu espirito conciliador, verdadeira missão d'um prelado n'esta epoca em que o caracter sagrado mais do que nunca carece basear-se em accões de justiça. O bispo impôz-se pela sua nobre isenção, por se limitar dentro da igreja ao verdadeiro papel reservado aos seus principes, procurando sempre a harmonia da religião com a marcha da vida actual, o que é a nobre comprehensão d'um dever, de resto sempre affirmado na sua permanencia nas colonias durante annos, e onde deixou uma inolvidavel obra de paz e de carinho.

Tal é o novo prelado de Portalegre, cuja missão meritoria é a affirmação d'uma vida toda dedicada á religião e ao bem.

A EXPOSIÇÃO JAPONESA DE LONDRES



1—Os jardins japoneses da exposição
2—A famosa árvore que tem
mais de 100 annos
e que está avaliada em 1:000 libras

(Clichés da World's Graphic Press)

A PARTIDA DO D. CARLOS PARA A ARGENTINA



A republica Argentina celebra o centenario da sua independencia a tanto custo obtida. Foi em 1810 que os argentinos se revoltaram contra os hespanhoes dominadores desde o seculo XVI n'aquella vasta região descoberta em 1515 por Juan Diaz de Solis. Ao cabo de muitas guerras, de luctas sangrentas, que duraram quasi meio seculo, a Argentina em 1854 organisou a sua republica hoje prospera e com um bem largo tuturo. Agora cele-

bra-se a primeira revolta emancipadora, a independencia do grande paiz, fazendo-se grandes festas ás quaes Portugal envia o cruzador *D. Carlos* n'uma bem expressiva saudação á Argentina, affirmando-se assim o estreitamento, cada vez mais cordial, das relações entre os dois povos. O sr. conselheiro Camello Lampreia vae como embaixador extraordinario representar o nosso paiz no centenario que se commemora.



1—O estado maior do *D. Carlos*
2—O estado menor do *D. Carlos*

(Clichés de Benóliet)

A MORTE DE UM GRANDE ACTOR COMICO

ALFREDO DE CARVALHO

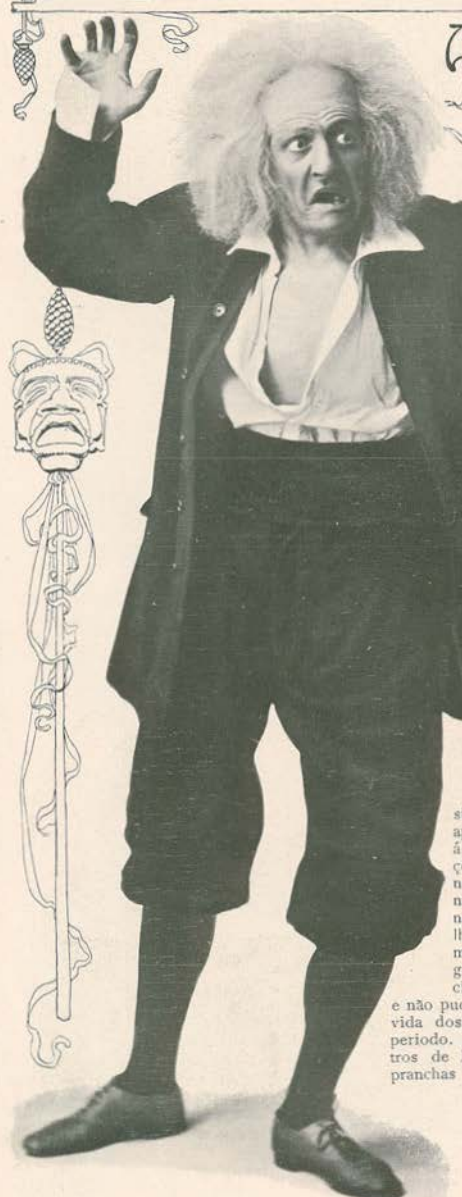
O grande actor comico Alfredo de Carvalho, que falleceu em 4 de abril, foi no theatro portuguez o exemplo d'um singular artista de instincto, que muitas vezes, por uma simples modalidade de physionomia, fazia ir



1—O Gaspar dos Sinos de Cornuville. 2—No Giroffo-Giroffo. 3—No Zé Maria d'Alegria da revista Prá Fresta.

o espectador.

Era popularissimo e querido. Na rua apontavam-no, sorrindo á recordação das suas creações hilariantes na scena; no theatro applaudiam-no, não resistindo á sua graça natural. Alfredo de Carvalho, temperamento bohemio, ultimamente confrangido pela doença, pertencia a uma familia distincta e não pudera resistir á sedução da vida dos actores do seu primeiro periodo. Não havia logar nos theatros de Lisboa; atirou-se para as pranchas d'uma barraca de feira. Ali conquistou o publico e deixou recordações tão gratas entre os camaradas que ainda no seu funeral se viu um modesto comico, director de





O Gaspar dos Sinos de Corveille

companhias ambulantes, o actor Domingos, que conhecera o artista nos theatros das feiras, ir depôr uma corôa sobre o seu caixão. Como um habil general que começasse pela tarimba e affirmasse depois as suas grandes faculdades, o actor foi passo a passo impondo a sua figura. Nas magicas e nas revistas ninguem o excedia. A' sua collaboração espontanea e nova em todas as recitas, aos seus ditos, á sua physionomia, se deveu o successo de muitas d'essas peças.

Do theatro *Sala dos Amores*, na feira de Belem, elle passou para os theatros de Lisboa a fazer os *compêres* do *Tim-Tim*, do *Sal e Pimenta*, dos *Pratos Limpos*, e entrou em centenas de peças. Uma vez, pelo Carnaval, a sua figura esguila surgiu na rua, encavallada n'uma magra pileca, com o elmo, a lança, os bigodes pendidos do *Cavalleiro da Triste Figura*. Era D. Quixote que um Sancho Pança, outro actor, seguia por entre as gargalhadas do publico, que festejava ainda o seu grande comico, morto agora pela *angina pectoris*.



1—Modalidades de physionomia do illustre actor
2—Na revista *A B C*.



O Gaspar dos Sinos de Corveille

Do theatro *Sala dos Amores*, na feira de Belem, elle passou para os theatros de Lisboa a fazer os *compêres* do *Tim-Tim*, do *Sal e Pimenta*, dos *Pratos Limpos*, e entrou em centenas de peças. Uma vez, pelo Carnaval, a sua figura esguila surgiu na rua, encavallada n'uma magra pileca, com o elmo, a lança, os bigodes pendidos do *Cavalleiro da Triste Figura*. Era D. Quixote que um Sancho Pança, outro actor, seguia por entre as gargalhadas do publico, que festejava ainda o seu grande comico, morto agora pela *angina pectoris*.



No *Thomas Braz Paz* do *Talvez te escreva*

Outras modalidades de physionomia do illustre actor

No *Tiço Negro* (*Clichés* de *VASQUES*)

A ERUPÇÃO DO ETNA



Mais uma vez o Etna está em erupção. Da sua cratera superior foram expellidas grandes pedras; torrentes de lava banharam o monte, avançando com a velocidade d'um metro por minuto. Abriram-se dez crateras cuja materia candente cobriu os vinhedos e chegou quasi ás povoações de San Leo e Pinazzi.

O Etna é o maior vulcão da Europa. Está á altura de tres mil e trezentos metros, dominando a Sicilia. A sua base tem uma circumferencia de cento e quarenta e cinco kilometros e occupa mil e duzentos kilometros quadrados. Catania, que tem cento e cinquenta mil habitantes, está a vinte e cinco kilometros do cume do monte Etna. Outros povoados como Aci Reale, Randazzo, Bronte e Adenio estão sempre em perigo e mais ou menos soffrem com as erupções. A primeira d'estas povoações foi sacudida em 1603 por um abalo bem como Tormina, onde existe o famoso theatro antigo.

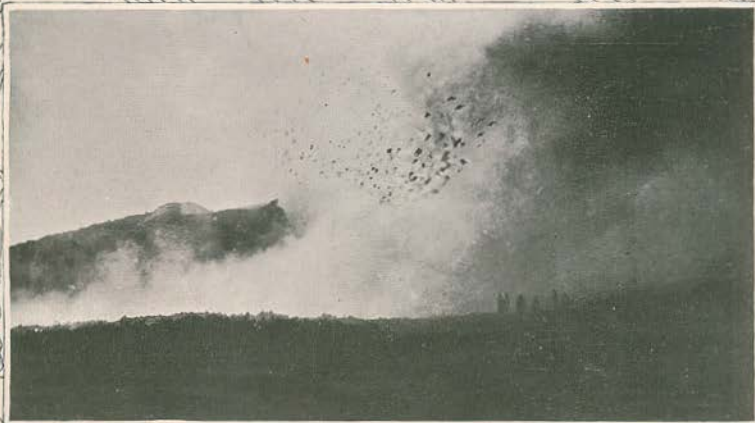
Até hoje o Etna teve oitenta violentas erupções, sen-

do a mais terrivel em 1609 ficando mortas milhares de pessoas. A de 1693 foi seguida d'um tremor de terra que destruiu quarenta cidades onde pereceram cem mil pessoas. Desde o começo do seculo XIX tem havido uma erupção de cinco em cinco annos, sendo das mais celebres a de 1886, em que a torrente de lava, despenhando-se á razão de sessenta metros á hora, chegou até Nicolasi, nas proximidades de Catania, como agora succedeu. Em 1899 o phenomeno offereceu um aspecto grandioso, obscurecendo o céu e sendo a lava expellida a uma enorme altura.

Agora, desde que os habitantes de Nicolasi viram a montanha com os seus pennachos de fumo negro e ouviram as detonações formidaveis, fugiram ao mesmo tempo que uma chuva de cinzas cobria a região. As quatro crateras maiores abertas em Tacca Albanelli, Volta, San Girolamo e Tacca Arena começaram a vomitar lava que se reunia n'uma unica torrente



1—O Etna e a sua cratera em plena erupção
2—Um rio de lava dirigindo-se sobre Nicolasi



Um aspecto nocturno da cratera do monte Catelaggo em erupção

avassaladora, da velocidade d'um metro por minuto em direcção a Barelo e a Belpasso. As vinhas e maceiras dos arredores de San Leo foram devastadas. A erupção actual começou pelos mesmos symptomas que a de 1902, uma das maiores que tem havido e que durou muito tempo.

Parece, no entanto, que o phenomeno vae diminuindo, que a torrente de

lava se detem e as villas vão recommençar novamente a sua vida de sobresaltos com as plantações perdidas, a miseria em todas ellas, esperando que novamente, dentro em cinco annos, o grande vulcão torne a erguer a sua voz terrivel de ameaças e arranque das suas entranhas as immensas catadupas de lava que os antigos dizem vir d'uma forja laboriosa de Cyclopes.



Um aspecto da mesma cratera

(Clichés Delius)



A condessa Torek de Zarbés
(Cliché World's Graphic Press)

O khediva do Egypto vae ter no seu harem uma condessa authentica. O soberano não ligará muita importancia a essa qualidade da mulher que o apaixonou, a condessa austriaca Torek de Zarbés; é certo, porém, que a adora com um ciúme extranho, prohibindo que seja transmittida para a Europa a sua photographia e rodeando-a dos mais vigilantes guardas. Como nem mesmo um soberano do Egypto pôde hoje satisfazer todos os seus caprichos, obtivemos um retrato da mulher que vae ser a nova esposa de sua alteza.

Desde ha algum tempo que em frente do palácio do khediva, nos arredores do Cairo, habitava a austriaca, cujas relações com o príncipe deixaram de ser um segredo. Havia da parte d'ella uma certa reluctancia em entrar no harem, para o que seria necessario fazer-se musulmana. O amor, como se sabe, operou maravilhas em todos os tempos, e, mais uma vez, isso se confirma. A condessa Torek de Zarbés renegou a sua religião. Tomou o nome de princeza Zobeida e vae ser a mulher preferida no harem khedival, o unico logar no Egypto onde Abbas II é senhor absoluto.



A officialidade do cruzador sueco *Oscar II*, que ultimamente esteve no Tejo